

CADERNOS DA SERRA



Nº12

DESTAQUE:

ISRAEL SARTINI: conheça a trajetória deste confrade, que, ao completar 100 anos de vigor e uma memória privilegiada, nos contou todas as peripécias de sua longa existência.

BOLETIM DA
ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

SUMÁRIO

SET/OUT 2025 Número:12

3 Palavra do Presidente: O Tempo não para - Delmo G. Ferreira

4 Artigo: A nobre missão de clarear o mundo - Wanderley Peres

5 Entrevista: Israel Sartini - Moema Tavares

11 Artigo: Euclydes da Cunha e o Barão do Rio Branco - Paulo Paranhos

13 Primavera: Pra não dizer que não falei das Flores - Ronaldo Fialho

15 Notícias:

- Palestra “A Revolução dos Cravos”
- Espetáculo “Vinícius, Profissão Poeta”

16 Notícias:

- ATL integra programação para celebrar chegada da primavera
- Inauguração do Cineclube ATL é sucesso

17 Palestra: Do livro ao filme - aproximações e deslocamentos em Vidas Secas - Norma de S. Freitas

20 Lançamentos:

- A Casa no Topo do Edifício - Andrea Taubman, Sandra Pina e Marília Pirillo
- O Super Shampoo e a batalha do cabelo limpo - Ozair Furtado de Oliveira
- No Baú de Emília - Norma de Siqueira Freitas

Diretoria Biênio 2024-2026

Presidente: Delmo Geraldo Ferreira

Vice-Presidente: Paulo Paranhos

1ª Secretária: Mariana Moreira Mouta

2º Secretário: Waldayr Queiroz

1º Tesoureiro: José Luiz Simões Coelho

2º Tesoureiro: Paulo José

Diretora Cultural: Maria Helena da Fonseca Costa

Diretora de Eventos Externos: Cláudia Coelho

Diretora de Relações Públicas: Carol Rocha

Diretora Bibliotecária: Rozelene Furtado

Diretora de Sede: Renata Marlene de Castro Mello

Conselho Fiscal (Efetivos):

Antônio Carlos Sequeira Fernandes
Daniel Hernandes

Luiza Brault

Israel Sartini

Sandra Pimentel

CADERNOS DA SERRA - CONSELHO EDITORIAL

Supervisão: Delmo G. Ferreira

Presidente: Ronaldo Fialho

Revisão: Paulo Paranhos e Norma de Siqueira Freitas

Design: Carol Rocha

Secretária: Moema Tavares

Editora: Carol Rocha

Redação: Rozelene Furtado e Renata Castro

Colaboradores: Acadêmicos, Acadêmicas e convidados

Contatos



Instagram: @atlmidias



E-mail: atlmidias@gmail.com



Facebook: atletras



Site:

<https://www.atlteresopolitanadeletras.com>



Sede: Travessa Portugal, nº 65, sala 502, Teresópolis/RJ



O tempo não para

*Delmo G. Ferreira **

Não existe dúvida quanto a essa afirmativa: o tempo é inexorável, e somente caminha para frente. Impossível fazer recuar o tempo: o que passou é passado, e pronto. Mas – e aqui reporto-me a expressão que cunhei anos atrás em artigo de jornal – “o brasileiro não tem memória”: joga no lixo da história nomes, fatos, sucessos e fracassos, tudo aquilo que deveria formar o cabedal de lembranças e memória, individual ou coletiva.

Foi pensando nisso que, em conversas com a Acadêmica Rozelene Furtado e com o Acadêmico Vice-Presidente Paulo Paranhos, resolvemos em boa hora reviver o “Cadernos da Serra”, órgão de divulgação das atividades e da produção literária da nossa Academia.

Criado na década de 1970, o informativo não teve uma vida tão longa como merecia, sobrevivendo em pouco mais de uma dezena de exemplares, e sua última edição foi em 1999. No entanto, mesmo os poucos exemplares trazem uma imensa fonte de informações sobre a ATL, seus Membros, atividades, produção, eventos, curiosidades: é a história de nossa Academia ali resguardada, é a presença viva daqueles Acadêmicos e Acadêmicas que, fisicamente, não estão mais entre nós.

Isso é imortalidade: preservar a memória! Os africanos nos ensinam, através de seus itans, diversas lições. Uma delas diz que “só morre aquele cuja lembrança se perdeu”. Para os

povos do Continente Negro é obrigação dos mais jovens conhecer e preservar a memória de seus ancestrais, ou então a dignidade da família se deteriora e acaba por perder-se. Não podemos deixar morrer a memória, a honra, a dignidade de nossos antecessores.

Essa lição nos faz retomar a publicação do nosso informativo. “Cadernos da Serra” reaparece com novo formato, adaptado aos avanços da tecnologia e da necessidade de uma comunicação mais moderna, mais ágil; numa linguagem e em apresentação aprazíveis, agradável ao paladar dos mais modernos e usuários das mídias eletrônicas, tipo de comunicação com a qual não sonhavam os idealizadores do informativo cinquenta anos atrás.

Tenho certeza que “Cadernos da Serra” não cairá mais no esquecimento, da mesma forma que irá preservar fatos, nomes e colaborações. Faremos alguns exemplares impressos para nossos acervos da sede da Casa de Cultura, da sede própria no centro da cidade e também para a Biblioteca municipal.

E quem desejar poderá imprimir seus próprios exemplares em casa, utilizando tecnologia simples e de fácil acesso.

Temos que viver o presente olhando para o futuro, porém sem esquecer as lições e aprendizados do passado e dele preservando as boas experiências.

O importante, queridas Confreiras e queridos Confrades, é que a imortalidade seja preservada. Afinal de contas, somos ou não somos Imortais? ■

** Delmo G. Ferreira é Presidente da ATL, titular da cadeira nº8, patronímica Coelho Neto.*



A nobre missão de clarear o mundo

Wanderley Peres *

Num tempo em que a escrita se banalizou com o advento das redes sociais, e a palavra democratizada tornou-se arma contra uma sociedade cada dia mais acuada pelas mentiras e todo tipo de falsidade que se espalham na velocidade da luz, é sempre bem-vindo um novo veículo de comunicação, ainda mais em se tratando de uma reedição de grande valor, o "Cadernos da Serra", publicação voltada aos intelectuais, que circulou com enorme sucesso mais de 40 anos atrás.

A iniciativa da Academia Teresopolitana de Letras é das mais louváveis, e o presidente Delmo com seus diretores estão todos de parabéns, porque somente a bendita da palavra, quando bem dita como quase sempre foi no meio acadêmico essa unidade da língua escrita, somente ela pode clarear o mundo, iluminar as mentes, e registrar para a posteridade os movimentos que daremos ao ousar provocações nesse tempo de trevas.

Com a regularidade que o nosso esforço permitir editar o "Cadernos da Serra", será sempre boa a oportunidade de lermos num só lugar os textos acadêmicos, os versos e as prosas, e as informações que são do interesse do nosso seletto grupo, especialmente porque a leitura é a única forma de conhecimento em que você imagina junto com o autor, e será um prazer imensurável a companhia de cada um, quando formos lidos ou os lermos no ajuntado de páginas dessa publicação.

Bem-vinda, de volta, "Cadernos da Serra". Te aguardaremos na data marcada, e o tempo em que sobra o tédio ou raleia a disposição, para alguns de nós, não impedirá de arranjarmos montes de palavras em textos, colaborando com esse importante veículo das letras, porque "o primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças físicas, ou morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou".

Já disse o jornalista Hipólito da Costa em 1808, ao lançar o primeiro jornal do Brasil, o Correio Brasiliense, porque "o indivíduo, que abrange o bem geral de uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inércia, e do engano", concluiu, observando, ainda, que "ninguém é mais útil do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro".

Vida longa à evidência das letras teresopolitanas, e um viva à ATL, a nossa academia viva. ■

* Wanderley Peres, secretário Municipal de Cultura e ocupante da Cadeira 31 da ATL, patronímica Olegário Mariano.

ENTREVISTA

ISRAEL SARTINI

*Moema Tavares**

Estivemos com nosso confrade Israel Sartini de Carvalho, cadeira número 25, que nos contou a sua história ao completar 100 anos. Uma existência movida por muito trabalho e realizações ao lado da mulher que elegeu para companheira de vida, que, segundo repete constantemente, foi e continua sendo sua grande incentivadora.

Como é fazer cem anos?

Olha, eu pergunto a mim mesmo se é a tranquilidade que eu vivo interiormente e a minha espiritualidade que contribuíram. Eu não sou homem de religião, mas eu respeito tudo.

A minha mãe me induziu a acreditar que as plantas falavam e traduziam mensagens pra gente. Ela só tinha o catolicismo que trouxe dos pais italianos. Eu tinha pavor de raios, de trovão... A minha mãe dizia: “Aprende a conviver com isso. É uma coisa natural. Você está vendo a alegria que há entre os vegetais quando chove?”.

E a compreensão de como é chegar a 100 anos é ter, no meu entender, mãe e pai dedicados. Eu só tive a mãe, porque infelizmente só convivi com o meu pai por três anos. Não que eu tenha perdido, mas os conflitos fizeram com que houvesse uma separação e a minha mãe foi pai e mãe, foi tudo!

Eu perdi meu pai, mas ganhei um pai muito



melhor. Eu acreditava e conversava com o Papai do Céu. Ele me atendia, por incrível que pareça! Às vezes me dava um puxão de orelha de tal forma que eu ficava muito descontente, até zangado! Mas ficava calado e respeitava.

Infância e adolescência

Aos três pra quatro anos eu tinha uma percepção muito grande das coisas. E me lembro muito bem que todo mundo dizia: “Você tem que ser um grande homem, para sustentar a sua mãe, ela não tem ninguém”. E essa condição era extremamente dolorosa pra mim.

A minha mãe falava: “Você vai ser engenheiro, construtor de pontes”. Quando me perguntavam para que eu iria estudar, eu dizia: “Eu vou estudar pra ser engenheiro, construtor de pontes.” Eu nem sabia o que era isso!

Então, minha mãe me colocou no colégio São

São Vicente de Paulo, no Matoso, das freiras da Ordem de Santa Luiza de Marillac, Hoje, não existe mais. Elas criaram em mim o medo da punição de Deus.

Eu queria ser igual a uma imagem santificada de Guido de Fontgalland, um menino que morreu aos 11 anos. E eu vivia segurando o crucifixo. Estava pronto pra ser um padre.

Eu vivia num ambiente de padres e de freiras, mas de repente, como se tivessem dito assim: “Para com isso!”, me mandaram pro Colégio Militar.

Passei a ser aluno do colégio anexo, chamado Felisberto de Menezes, na Rua São Francisco Xavier. Não sei como minha mãe conseguiu isso!

E ali, esse anãozinho que tinha sete pra oito anos, foi parar. Sem pai e com dificuldade de arranjar o pagamento. Só se admitia no Colégio Militar quem era filho de militar, e eu não tinha nenhum militar na família, só tinha os parentes que vieram da Itália de navio, saídos daquela briga com a Áustria.

Eu não tinha uma orientação, vamos dizer, racional. Era uma orientação instintiva de mãe pra filho, muito amor, muita dedicação, mas não tinha a instrução pra orientar o que fazer, qual carreira seguir.

E, curiosamente, essa que é a curiosidade: como é que eu, não tendo cultura suficiente nem não tendo o conhecimento necessário, sempre era atraído pelos donos do poder para que eu lhes desse conselhos, desse ajuda. Eu dando ajuda. Quem era eu?

Impressionante isso!

Eu tive uma adolescência muito extravagante até que conheci essa preciosidade aqui, a minha esposa. Eu olhava pra ela e via uma família porque o maior desejo da minha vida era ter uma família.

Convocação para a guerra

Eu saí do colégio e logo veio a convocação para a guerra. Fui convocado pra fazer treinamento no Forte Coimbra, que fica em Mato Grosso.

Eu terminei o curso graduado em Ciências e Letras. E, naquele forte, fazia o treinamento o General Clark, que dirigia as tropas aliadas brasileiras.

A minha mãe preocupada: “Eu só tenho esse filho”! Ela usou o artigo que concedia a exclusão como arrimo de família, mesmo assim não me dispensaram, me mandaram para o Forte Copacabana, terceiro GAC, Grupo de Artilharia de Guerra.

Os generais gostavam de mim, achavam que eu tinha um talento especial para aconselhar. Eu era um soldado aconselhando o general e o capitão.

Eu fiz então hinos pro Forte Copacabana sem saber uma nota musical. Fazia a letra baseado em músicas americanas. O batalhão treinava de ouvido. Ninguém pegava a partitura pra ler. Então, disso valeu o conhecimento de uma série de outras coisas.

Eles me ensinaram a comandar a tropa. Pequeninho, mas a turma me respeitava e eu nunca disse uma palavra alta pra ninguém. Fiz muitos amigos.

O batalhão era a Segunda Bateria de Artilharia e me colocaram numa posição muito chata: preparador de tiro. O que era o preparador de tiro? Dar um tiro e acertar no navio. Eu não sabia nada daquilo, mas sabia muita matemática e eu ensinava trigonometria aos oficiais da Escola de Guerra. Eu era bom em trigonometria. E daí eu fiquei querido pelos oficiais.

Um fato muito curioso: lá no Forte Copacabana havia uma prática chamada water shoot. A pessoa vinha descendo, de cima do forte, escorregando feito um tobogã, e mergulhava no mar.

Um dia, um tenente chamado Bastos Cruz, atleta, parecia com o Tarzan... Ele se colocou lá em cima e veio descendo. Naquele dia o mar se afastou e, por uma dessas casualidades, ele bateu de cabeça na areia e desmaiou. E veio logo a água em cima, ele podia morrer afogado.

Quando eu vi aquilo eu saltei, eu nadava muito bem naquela época. Socorri o tenente e o coloquei na pedra, chamando os colegas pra ajudar.

O capitão Walter (eu não me lembro mais o sobrenome dele) me deu um boletim especial, me considerando um herói por ter salvo um oficial.

E com isso eu fiz uma carreira no Forte Copacabana. Eu comandava tropa e comia no restaurante dos oficiais.

Um dia me deram a incumbência de acabar com o partido comunista. Eu nem sabia o que era isso de comunismo, não tinha prática de nada. E me mandaram prender uma pessoa que era agitador comunista e que mais tarde eu ia conhecer, chamado Gentil Teles.

Eu fui na pista do camarada. Descobrimos que estava no clube Botafogo. Quando eu cheguei lá, a maior festa de formatura. Eu entrei, o que eu encontro? Todo mundo dançando! Eu adorava dançar! Então, vi uma mesa com três moças, fui dançar com a Maria de Lourdes Furtado (minha esposa), por quem fiquei encantado.



Israel Sartini e sua companheira, Maria de Lourdes Furtado. Juntos há 75 anos.

A importância da família

Eu vivia em colégio interno, distante da minha mãe. Ela era uma italiana cujo pai proibira de estudar. “O lugar de mulher era na cozinha e a servir o seu marido.” Ela não sabia nada, foi ser artista de teatro.

Era muito linda, fez a sua vida como artista, mas ganhando uma miséria. Antigamente, pra trabalhar no teatro, o artista tinha que fazer a própria roupa. Só existia uma maneira de se apresentar com roupas dadas: quando a peça era subvencionada pelo governo.

A mamãe representou 250 peças, de autores estrangeiros e brasileiros. Eu me lembro de Pancada de Amor, peças de Machado de Assis e outros autores. Começou na companhia que deu o nome a ela: Geraldty. Adotou o nome artístico de Norma Geraldty devido a um poeta chamado Paul Geraldty.

Todas as companhias de teatro pertenciam a um artista conhecido. Mesquitinha, Jaime Costa, Procópio Ferreira, Dulcina-Odilon, todos tinham suas companhias, e ela tinha que pular de uma para outra, fazendo pequenos personagens sem expressão, e assim foi crescendo. Mas eu e ela sozinhos nesse mundo!



Norma Geraldty, nome artístico de Ione Sartini.

Quando eu passei da adolescência que eu me tornei um rapazinho, foi que eu conheci a família. Primeiro em São Paulo, onde fui morar com uns parentes.

Nessa época eu tinha pedido baixa. Eles queriam que eu fosse oficial superintendente e eu disse não para a carreira militar. Já havia acabado a guerra, queria minha vida em paz.

Em São Paulo trabalhei numa livraria, onde eu conheci Jorge Amado e Monteiro Lobato. Vários autores da época frequentavam a livraria. Passei a ser amigo deles e fui convidado pra trabalhar na Editora Brasiliense.

Saí de lá e voltei pra trabalhar numa companhia de engenharia. E a minha vida se desenvolveu assim.

Comecei a namorar mais a sério. Fui conhecer a família dela e acabei noivando e casando. Ela me incentivando a ser alguma coisa, a fazer vestibular. Resolvi fazer Administração. Eu era psicólogo, mas o curso não estava nem reconhecido.

Fui trabalhar na Texaco e daí passei pela Esso. Também fui direcionado para a carreira de economista, que também não tinha reconhecimento naquela época.

Fui professor, fui de tudo um pouco, e deixei a vida me levar, graças à minha companheira, minha incentivadora de tudo. Esta criaturinha modesta, de uma família também muito modesta, me dava as orientações na sua simplicidade. Hoje temos um casal de filhos, três netos e três bisnetos.

Carreira Literária

Eu tinha muito conhecimento sobre comunicação. Escrevi um livro chamado “Comunicação, Caminho para o Sucesso” na Editora Livro de Ouro publicado em 1980, que chegou à oitava edição.

Coloquei nele até os testes que se aplicavam para admissão de empregado. Foi muito trabalho, mas eu fazia isso com prazer.

Publiquei “Administração Humana” numa editora de Curitiba. Fiz muitas monografias para engenharia relacionadas a treinamento para represa. Isso aí é uma coisa interessante, porque com o trabalho que eu fiz sobre a dificuldade de fazer uma represa, o ajuste perfeito de cada parte da curvatura que requer uma grande precisão, recebi a incumbência de treinar o pessoal de Itaipu.

Fui trabalhar com o Dr. Gabriel Paes de Carvalho que era o presidente do consórcio da Itaipu Nacional. E também trabalhei com o pessoal do Paraguai, que era uma outra empresa. Então, eu vivia de um lado pra outro. Foi até o ponto em que eu empreguei todas as pessoas de minha confiança. Depois de tudo, e em paz, eu pedi demissão.

Fui para Blumenau convidado pra reorganizar uma fábrica que tinha incendiado. Eu fiquei 10 anos em Blumenau.

Publiquei dois livros de ficção: “O Prêmio Nobel” e “A felicidade não Pode Esperar” que é o livro quase que autobiográfico muito interessante. Sofri uma grande influência de uma escritora chamada Maria

José Dupré, “cujo pseudônimo era Leandro Dupré”, que escreveu o livro “Éramos Seis”. Gostava muito da sua maneira de escrever, ela fazia um suspense para você pensar que ia chegar a uma solução e chegava a outra.

Eu escrevi o livro “Catálogo dos Empregos Brasileiros”, onde descrevia todos os empregos e que serviu pra uma publicação no Ministério do Trabalho. Por exemplo, até sobre guia de cego eu fiz pesquisa. Era pra colocar todas as profissões. Eu cadastrei só no Brasil, 4.000 profissões.

Teve uma publicação pela Ediouro: “Como Conseguir a Melhor Empresa e o Melhor Empregado”. É um livro grosso cheio de profissões, mas o que vale nesse livro são as ilustrações. As ilustrações são muito engraçadas. A maioria dos meus livros são técnicos e didáticos. Eu escrevo muitos contos e crônicas. Tenho 48 escritos.



Acadêmicos Israel Sartini e Moema Tavares

Durante a sua vida, você presenciou varias mudanças, como você vê a vida hoje, com todas essas mudanças tecnológicas?

A Inteligência Artificial me preocupa pela facilidade com que se vai pelo mal e pelo bem. A tecnologia vai trazer coisas espantosas à frente da gente. Se for pelo mal, vamos ter coisas muito tristes, como essa guerra entre Israel e os palestinos em um século em que a gente já devia ter tido uma lição da Primeira e da Segunda Guerra.

A guerra é muito triste! Estou percebendo que estão inferiorizando outras nações. Mas eu percebo um futuro extremo, e muito sombrio, mas sombrio mesmo.

A tecnologia avançou e eu resolvi parar. Parei porque eu não quero mais perturbar meu sossego. Tenho computador, mas nem quero ligar. Eu parei na televisão, parei no Flash Gordon.

Recebo pessoas que querem me contratar para fazer uma conferência, umas palestras. Eu digo que não tenho nada para ensinar. Eu fico lendo aqui Gramática, adoro Gramática, Portuguesa e Inglesa. Como é bem bolada uma simples frase! É perfeito! Agora vou ler outra vez o meu autor predileto: Machado de Assis. Eu tenho prazer nisso.

Eu resolvi estudar inglês. Eu tive uma excelente base e preciso manter a minha cabeça ativa. E isso é muito importante. O meu dicionário de inglês está todo marcado. Eu descobri que tenho um bom vocabulário. Estou recordando para manter o cérebro funcionando. Eu usei esse argumento: e se eu for pro céu e quando chegar lá tiver que falar inglês? Se eu não souber, eu vou pro inferno. ■

* Moema Tavares é titular da cadeira nº 17, patronímica Gonçalves Dias.

Não tenho saudades

Rozelene Furtado

Você se foi por um novo caminho
Não tenho nada, nenhuma saudade
Você deixou o ninho, de mansinho
Foi encontrar-se com a eternidade

Não tenho saudades, tenho lembranças
Passei vivendo e escrevendo memórias
Realizamos sonhos em perfeita aliança
Tempo bem compartilhado, selou histórias

De você ficaram momentos para recordar
Sem confundir com saudades, com apego
Saudades. Vou sentir de quem pode pulsar
Abraços que acende o fogo e traz aconchego

Como sentir saudades de quem vai
sem retorno?

Vou ter saudades do coração sem frequência,
Viver um tempo de solidão, insípido e morno?
Não, vou buscar quem abraçe com nova
cadência

Tomara eu sentir alguma saudade, me perdoa
Não do passado, não do vivido, não de outrora
De quem vive, sentir saudades de outra pessoa
Que respira, tanja, vibra e sinta emoção agora

* *Rozelene Furtado é titular da cadeira nº 30,
patronímica Olavo Bilac.*



Euclýdes da Cunha e o Barão do Rio Branco

*Paulo Paranhos**

Quando se completaram os 110 anos de falecimento de José Maria da Silva Paranhos – o Barão do Rio Branco, deixou-nos também o insigne professor Márcio José Lauria, um dos mais renomados conhecedores da obra de Euclýdes da Cunha, que faleceu aos 90 anos de existência em sua querida São José do Rio Pardo, estado de São Paulo.

Sobre Rio Branco, por diversas vezes e em diversos meios de divulgação, discorri sobre essa figura ímpar da História Diplomática Brasileira, mas neste artigo volto minha atenção para outro vulto de significativa importância, também, para a diplomacia nacional, prestando, assim, uma homenagem ao saudoso professor Márcio José Lauria, retratando aqui uma passagem que me foi narrada pelo próprio mestre, diante do mausoléu do engenheiro, em São José do Rio Pardo, a respeito do primeiro encontro havido entre o Barão do Rio Branco e Euclýdes da Cunha.

Poucas pessoas mereceram tratamento mais respeitoso e admiração profunda por parte de Euclýdes da Cunha do que o Barão do Rio Branco, figura ímpar em uma galeria nacional de verdadeiros grandes homens e que honrou como poucos a cátedra que lhe foi confiada no Ministério das Relações Exteriores. Embora monarquista e conservando o título de nobreza como seu próprio nome – Rio Branco –, serviu fielmente à República, tendo sido Chanceler durante dez anos (1902-1912), nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

Sem sombra de dúvidas, o Brasil deve ao

Barão do Rio Branco o grande prestígio alcançado pela sua chancelaria, no país e no exterior, com a incorporação pacífica ao território nacional de quase meio milhão de quilômetros quadrados, além da consolidação jurídica de nossas fronteiras, sendo reconhecido, sem qualquer contestação, que dentre todas as questões de fronteira que surgiram no rol de nossas relações internacionais, a “Questão do Acre” foi o problema mais complicado daqueles enfrentados por Rio Branco, residindo aí o cerne de sua política voltada às questões que envolviam a territorialidade brasileira.

Pois bem, aliando esse conhecimento da obra de Rio Branco aos inigualáveis contributos de Euclýdes da Cunha, disse-me o professor que Euclýdes, de volta ao Rio de Janeiro, depois de se desligar da Comissão de Saneamento da cidade de Santos, em abril de 1904, pretendia ele participar em uma das comissões encarregadas da demarcação de território litigioso entre o Brasil e o Peru. Essa pretensão, mesmo considerada por diversos de seus amigos como muito aquém de sua capacidade intelectual, teve em seu favor o aval de homens como José Veríssimo, Oliveira Lima e Domício da Gama. Foi este último, inclusive, quem levou Euclýdes à residência do barão, em Petrópolis, onde teria um encontro com o homem de maior prestígio pessoal em todo o Brasil.

Somente às duas horas da manhã é que Euclýdes foi “dispensado” pelo ministro e, para surpresa sua, em vez de um cargo de auxiliar, o barão lhe ofereceu a chefia da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, que viria a ser o foco de sua atenção por quase dois anos e que lhe traria consequências pelo resto da sua vida. (Foi

nessa jornada que Euclydes adoeceu seriamente.)

Um desses grandes amigos de Euclydes, o escritor José Veríssimo, recebeu dele carta na qual mostrava o entusiasmo pelo que lhe fora confiado: “A partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Estou pronto à primeira voz. Partirei sem temores; e nada absolutamente (a não ser um desastre de ordem física que me invalide) nada absolutamente me demoverá de tal propósito”.

Como é sabido, a atuação técnica de Euclydes no Alto Purus deu oportunidade para a continuação em trabalhos no Ministério do Exterior, como adido, primeiro concluindo todos os trabalhos de sua Comissão, e depois servindo a Rio Branco com seus conhecimentos especializados, de grande valia nas negociações que se mantinham com diversos países sul-americanos. Foram importantes instruções técnicas para a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (uma página triste na História do Brasil, diga-se de passagem), além da correção de mapas antigos, dando-lhes um traçado a partir do entendimento de documentos que tinham cuidado dos tratados, inclusive, coloniais.

Euclydes esperava que, mais cedo ou mais tarde, a sua colaboração junto ao barão lhe valesse como credencial para um cargo de melhor representação e remuneração. Isto foi o que segredou em carta ao seu amigo Francisco Escobar: Assim vivo enleado entre os velhos traços dos velhos cartógrafos – os sujeitos mais desleais e desonestos que andam pela Geografia; e no meio desses tratantes que traçam rios e levantam montanhas à ventura, consoante a estética dos desenhos, vou atravessando uns dias fatigados e tristes.

Na mesma carta a Escobar, confessava: “Felizmente continuo a olhar para o ministro a que tenho servido – o único grande homem vivo desta terra – com a mesma admiração e simpatia”.

Lembrou-me o querido mestre Lauria sobre a admissão de Euclydes da Cunha como professor de Lógica do Colégio Pedro II. Disse-me que até a composição da banca examinadora do concurso foi de difícil trabalho, pois foram poucos os professores que se sentiam encorajados a decidir um concurso com quinze candidatos, onde havia escritores, professores, advogados, médicos e até um padre, cada qual trazendo a influência de fortes padrinhos políticos. Euclydes ficou em segundo lugar, sendo antecedido pelo filósofo cearense Farias Brito.

Podendo ser escolhido o primeiro ou o segundo lugar, ali entrou em ação o prestígio do Barão do Rio Branco para a nomeação de Euclydes e foi o próprio professor Lauria quem me deu a lição: o Barão do Rio Branco, ante tanta pressão política de várias bancadas nacionais, em favor de Farias Brito, resolveu interceder – ainda que contra a vontade de Euclydes – junto ao ministro Augusto Tavares de Lyra para a escolha de seu pupilo, o que, de fato veio a ocorrer: no dia 14 de julho de 1909, era Euclydes nomeado professor de Lógica do Colégio Pedro II, onde ministrou sua primeira aula à turma do sexto ano, apresentado à classe por Luís Gastão d’Escragnolle Dória, professor interino. Ali Euclydes seria responsável pelas aulas até 3 de agosto. Em 15 agosto ocorreu a já sabida “Tragédia da Piedade”.■

* Paulo Paranhos é titular da cadeira nº 34, patronímica Padre Antônio Vieira.

Primavera

TEXTOS E POESIAS

Pra não dizer que não falei das Flores

*Ronaldo Fialho**

O gosto pela escrita surgiu ainda menino nas redações escolares, ao passo que dos números me distanciava negligente. Os tais que, em sua multiplicação, têm como resultado um produto não me interessavam. Penso que da multiplicação de pessoas resulta um povo, não um produto. Mas o que empreender com o gosto pela escrita? Fiz essa pergunta aos dez e obtive resposta aos dezesseis.

Era o ano de setenta e três quando conheci Geraldo Vandrê e descobri o que fazer com o bendito gosto pela escrita.

Meu tio Ciro Aranha tinha ajudado Geraldo na fuga do Brasil cinco anos antes e naquela noite de 73 o recebia na volta do exílio. O apartamento da Oswaldo Cruz, no bairro do Flamengo, ficou pequeno. Muitos familiares e amigos, todos ávidos por ouvir Vandrê.

Aquele homem bem-apessoado, barba escanhoadada e cabelo curto, que sozinho com seu violão, no Festival da Canção do ano de 68, fez a plateia inteira cantar seus versos como os franceses cantaram La Marseillaise. “Vem, vamos embora que esperar não é saber...” Aquele homem em 73 não existia mais. O Geraldo Vandrê que se via no apartamento do tio Ciro tinha os cabelos compridos e grisalhos, a barba crescida e vestia uma túnica bem florida.

Ria quando ninguém ria e permanecia seriíssimo quando todos gargalhavam. Fiquei desconfiado quando o vi. Pareceu mirrado, bem menor do que aparentava no palco frente à multidão em 68. Televisão engana a gente.

Conversa vai, conversa vem, salgadinhos pra lá, bebidinhas pra cá e Vandrê se senta em um banquinho no canto da sala com o violão ao colo. A turma se acomoda ao redor. Os mais velhos se aboletam nas poltronas e sofás, os mais agitados se aquietam pelos tapetes e o falatório vira murmúrio. Vandrê faz soar dois acordes como introdução. Mi menor e Ré Maior. O Mi era lírico, sonhador e traído, o Ré imponente, destemido e vão. Dois acordes feridos como seu intérprete. Dois acordes ressentidos, pungentes. Seus dedos tangiam as cordas na busca da inspiração sublime. Seu corpo balançava levemente para frente e para trás. Silêncio sepulcral. Expectativa geral por ouvir sua voz até que ele finalmente canta. Não sabia até então o real significado do termo epifania, aprendi naquele instante. Fui tomado de paixão e encantamento na primeira frase. “Não viemos por teu pranto, nem viemos pra chorar...”

Céus! O que é isso? De onde vem todo esse martírio? Uma carrada de amargura! As canções se sucediam e eu já não cabia em

mim estufado de entusiasmo.

Um homem e dois acordes. “Maria, me dê memória, depois, se puder, perdão...”

Dado momento, Vandré respirou profundamente, deteve o balanço do corpo e acolheu o violão como se acolhesse a pátria amada. Em seguida, fechou os olhos por segundos ingêntes e respirou vagaroso. Na vez que os abriu, soluçou perdido e eu me encontrei. Quero fazer música! O pequeno concerto virou canção.

Encontrei Geraldo outras vezes. No ano de setenta e sete, eu morava em Brasília com meus pais quando ele chegou para passar uns dias. Foram dias radiantes. Saíamos para tudo que é canto, bares, churrascos, serestas e cafés. Sentia orgulho e receio de apontar com Vandré nos lugares. Tive que aprender a conviver com o imponderável. Entendi como devia fazer certas coisas e coisas que não devia fazer nunca. Ele era o certo e o errado. Dava-me bons e maus exemplos. Uma vez, trabalhando juntos em uma canção, ele me pareceu estranho, ausente, devasso. Mas quando eu o inquiri de seu comportamento, pegou uma folha de papel em branco, traçou uma linha ao meio e de um lado escreveu Música, de outro Conduta, depois me respondeu em uma maiêutica bem própria: “Nós vamos falar de música ou de loucura?”

Já em 2010, morando em Teresópolis, região serrana do Rio, recebi, seguidas vezes, a visita de Geraldo à Secretaria de Cultura onde eu trabalhava e, ao final das tais visitas, terminávamos por almoçar juntos. Em um desses almoços, já no café, eu lhe perguntei se não tinha interesse em compor uma biografia, afinal, seu silêncio sobrepunha

mais de quarenta anos. Percebendo sua indiferença à minha proposta, troquei o café por coragem e me ofereci para tal empreitada. Antes que ele desconfiasse do meu propósito e de minha capacidade, fui célere advertindo-o de que escreveria umas dez páginas e ele avaliaria se valia a pena ou não seguir adiante. “Não quero!”

Deixamos o restaurante e caminhamos pelo centro de Teresópolis. Eu, voltando à Secretaria, e ele indo abrandar os pensamentos na loja de ração para cães. Curioso é que Geraldo não tinha cachorro e odiava a latidaria dos cães vizinhos à noite. Dizia que os cachorros latiam porque não miravam estrelas. Geraldo devia preferir os lobos. Não gostava dos cães, mas adorava a loja de ração. Quando estávamos por nos separar tornei a reclamar pela biografia, pelos quarenta anos de silêncio e tais. Ele não me deu ideia, atravessou a avenida e já do outro lado bradou irreverente: “Meu silêncio vale mais do que qualquer palavrinha que tu vais botar nesse teu livrinho!”

A provocá-lo, tão somente, também exclamei atrevido: “Pois saiba que eu posso escrever tua biografia com ou sem tua autorização”! Ele ensandeceu e vociferou meia dúzia de palavras que não ousei repetir. Partimos cada qual para o seu lado, Vandré furioso e descompondo quarenta anos de memória, eu caminhando e cantando e seguindo a canção... ■

* Ronaldo Fialho é titular da cadeira nº 38, patronímica Silvio Romero.

NOTÍCIAS

Palestra “A Revolução dos Cravos”



Em setembro, a Academia Teresopolitana de Letras promoveu, em sua sede, a palestra “Revolução dos Cravos – A Revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal”, ministrada pela Acadêmica Maria Helena da Fonseca Costa.

O conteúdo reuniu contexto, curiosidades e repercussões do fato histórico, lembrando o simbolismo dos cravos vermelhos e o fim da ditadura em Portugal, marco na luta pela liberdade no país.



‘Vinícius, Profissão Poeta’

O espetáculo “Vinícius: Profissão Poeta”, realizado no dia 20 de setembro, na Casa de Cultura Adolpho Bloch, em Teresópolis, encantou o público e conduziu a plateia a um mergulho no universo lírico do grande escritor e compositor Vinícius de Moraes.

Com roteiro e interpretação de Delmo Ferreira, Presidente da ATL, e direção de Sandra Saan, celebrou vida e obras do famoso compositor, unindo poesia e música em uma noite memorável.

NOTÍCIAS

ATL integra programação para celebrar chegada da primavera



No dia 22 de outubro foi realizado, na Casa de Cultura Adolpho Bloch, o evento “É Primavera: te Amo”, reunindo diversas atividades culturais para celebrar a nova estação.

A Academia Teresopolitana de Letras (ATL) marcou presença com textos e poesias inspirados na primavera. A programação contou ainda com palestras, plantio de mudas, exposições, apresentações de dança e música.

Os textos sobre a primavera serão publicados nas edições do **Cadernos da Serra**.

Inauguração do Cineclube ATL é sucesso



Com sucesso de público, a Academia Teresopolitana de Letras inaugurou, no dia 8 de agosto, o Cineclube ATL.

A estreia contou com a exibição do clássico “Vidas Secas”, seguido do documentário dirigido pelo acadêmico Miguel Freire:



Barreto, Fotógrafo das Lentes Nuas”, premiado no 57º Festival de Brasília com o Troféu Candango.

Após a exibição, a acadêmica Norma de Siqueira Freitas realizou a palestra “Do livro ao filme – aproximações e deslocamentos em Vidas Secas”, conforme leremos a seguir.



Do livro ao filme - aproximações e deslocamentos em Vidas Secas (1)

Norma de S. Freitas (2)

Considerando tratar-se da comparação entre objetos artísticos distintos: a saber o levantamento das aproximações e deslocamentos entre o livro *Vidas Secas* (1938) e o filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos (1963/1964), faz-se necessário, de antemão, breve estudo sobre o processo da intermedialidade para que seja possível certa compreensão a respeito do processo de entrelaçamento textual e suas idiosincrasias.

Muitos são os teóricos a se dedicarem à investigação das relações entre os textos e o que lhes acontece quando da passagem do signo verbal para o visual, a saber: a literatura e o cinema. Um deles é Gérard Genette, que, em *Palimpsestes* (1982, p.7-12), nomeia o processo de entrelaçamento de textos de “transtextualidade”; assim considerada como “tudo aquilo que coloca [um texto] em relação manifesta ou secreta com outros textos”. Dessa forma, as relações transtextuais partem de “uma relação de copresença entre dois ou mais textos”, sendo que a presença pode ser explicitada ou não.

No caso das obras aqui analisadas, essa relação é bastante explícita, observável nos créditos logo na abertura do filme de *Vidas Secas* (1964), de Nelson Pereira dos Santos. Genette salienta, ainda, que a transposição de um texto num outro pode ser considerada uma recriação, já que certos ajustes se tornam necessários, como é o caso dos deslocamentos amplamente detectáveis na

comparação da obra literária de Graciliano Ramos com a tessitura fílmica do cineasta brasileiro.

No processo que Júlio Plaza (2001, p. 31-33) nomeou de “tradução intersemiótica”, o que antes era velho se reveste, porquanto o novo objeto artístico transparece luzidio, exuberante em seus novos matizes. Entretanto, vale esclarecer que nem sempre as relações intertextuais são explicitadas como “baseado em”, “inspirado em”, “adaptado de”.

No caso do filme *Vidas Secas* (1964), há uma clara referência à matriz literária, evidenciando fidelidade à obra *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. O que vai ao encontro dos estudos de André Bazin (1991) sobre a questão da fidelidade entre obra de partida e obra resultante (livro/filme). O teórico sustém o conceito de fidelidade ao tema, embora muitas outras diferenças ou deslocamentos possam ocorrer devido a modalidades artísticas distintas e ainda a épocas em que as obras foram gestadas.

Na tessitura de livro e filme, dois Brasis se bifurcam. O Brasil rural da seca nordestina e da ditadura getulista dos anos 30 e o Brasil dos anos 60, com toda sua efervescência, tendo como contrapartida a ditadura militar de 1964. Duas obras a denunciar opressão e desigualdade. Épocas distintas, mas ambas plenas de arbitrariedades. Essa diferença

temporal também irá influenciar em deslocamentos justificáveis: a recepção do público ao livro, em 1938, e a do público ao filme (1964) dos Anos Dourados e também dos “Anos de Chumbo”.

Outros deslocamentos justificáveis são os advindos de códigos bem próprios da arte da imagem em movimento: códigos cinematográficos e os não-cinematográficos (montagem, fotografia, sons, movimento de câmera etc). A literatura lança mão de palavras, enquanto, no cinema, a imagem concreta desliza sobre uma tela. O escritor, em apenas uma frase, monta um ambiente, um cenário; enquanto, no cinema, há todo um exaustivo trabalho de equipe na montagem de uma cena.

Aqui cabem várias indagações: como traduzir em imagens concretas o que fora dito antes apenas por palavras? Ou: Como transpor para a tela a secura, a desumanização das personagens, seus pensamentos e divagações internas, o monólogo interior, os questionamentos e a introspecção, enfim, toda aquela atmosfera dor e sofrimento, diante das circunstâncias, antes descrita sob a pena de Graciliano Ramos? O escritor, em uma única palavra, “Inferno”, pode expressar, por exemplo, a insatisfação com aquela situação de vida. Ao cineasta coube lançar mão de outros recursos (dispendiosos e que demandam tempo) para traduzir toda desilusão existencial devido às dificuldades impostas pela seca e pela pobreza.

No caso do Vidas Secas fílmico, o grande aliado de Nelson Pereira dos Santos foi o fotógrafo Luiz Carlos Barreto Borges. Nomeado por Miguel Freire, no documentário

premiado: “Barreto, o fotógrafo das lentes nuas” (2024), Luiz Carlos Barreto, hábil profissional das lentes, experimenta e inova.

Com maestria, no uso da imagem nua, desprovida de adereços e de artifícios e, ainda, aproveitando de forma singular a luz natural a transubstanciar aridez e desagregação das personagens, o fotógrafo-repórter monta, através do látego de sua câmera, uma espécie de “docudrama” que denuncia ruína, angústia e desesperança das personagens como consequência da desigualdade social e da adversidade advindas da situação da seca extrema.

Na contramão da tradição milenar, o que se apresenta na fotografia do filme é o destaque da sombra entrecortada por pequenos feixes de luz. Luz zero, sem filtro, sem luz artificial, espontânea, tendo como máxima medida a penumbra: recurso de alta expressividade.

Exemplo dessa técnica inovadora é a montagem da cena em que Sinhá Vitória se encontra no pequeno quarto da choupana. A sombra, no paralelo com o feixe de luz, ilustra o monólogo interior da personagem. Na cena, a luz serve somente para indiciar o sofrimento personificado em Sinhá Vitória num excelente trabalho de experimentação do diretor de fotografia.

Esse efeito especial - baseado na retirada de umas poucas telhas do casebre propiciando a entrada de um rasgo de luz ; em conjunto com sons (de carros de bois etc.) superpostos às palavras - passa a traduzir delírio, estado interior, desespero na interpretação criativa do cineasta Nelson Pereira dos Santos.

Ora, se no livro de Graciliano Ramos, a função fática sobressai-se indicando incomunicabilidade e ausência de nexos; no filme o que se observa é montagem com entremeios de choro e silêncios. Olhares e respiração - a dar conta das frases secas, curtas, desconexas e, ainda, de frases sem verbo - tornam-se acréscimos exigidos pela linguagem cinematográfica a apontar para ausência de ações por impedimento do plano social em que as personagens estão enredadas.

Se, no romance de Ramos, os capítulos foram primeiramente publicados em forma de contos esparsos, isto é, de publicação fragmentada, vindo posteriormente a serem reorganizados em forma de livro; no filme houve por bem ao cineasta subverter a ordenação dos capítulos do livro, tendo como objetivo apresentar linearidade nas sequências. Nesta costura, são apresentados, na superfície plana da tela, os contrastes ambientais: cenas de chuva caindo/mato/horizonte; imagens destacando preto /branco/telhados: elipses marcadoras da passagem do tempo e sua triste circularidade.

Na comparação dessas distintas obras de arte, enfim, a grande aproximação situa-se no destaque dado às dificuldades impostas ao homem sertanejo diante do fenômeno da seca impiedosa, regular, circular capaz de enredar todas as personagens num círculo vicioso de cárcere, sofrimento e desesperança. Assim como Graciliano Ramos, ao lançar seu *Vidas Secas* (1938), estava impregnado das recordações da sua prisão na Ilha Grande (1936); igualmente Nelson Pereira dos Santos, ao apresentar

seu filme à Nação (1964), denuncia arbitrariedades. E, na metáfora da vida nordestina submetida ao irreversível, expõe como ferida aberta um panorama de repressão que, infelizmente, seguiria no avançar dos anos.■

Referências bibliográficas e filmografias:

BAZIN, André. “Por um cinema impuro: defesa da adaptação de teatro e cinema”. IN: — . O cinema: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FREIRE, Miguel. Barreto, o fotógrafo das lentes nuas. Documentário, 2024.

GENETTE, Gérard. Palimpsestes. Paris. Seuil, 1982.

PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 32 ed. São Paulo . Martins, 1974.

SANTOS, Nelson Pereira. *Vidas Secas* (o filme). 1964.

(1) Palestra de inauguração do Cineclube da Academia Teresopolitana de Letras realizada em 08 de agosto de 2025, na Sede da ATL.

(2) Norma de Siqueira Freitas, Doutora em Letras (Literatura comparada: literatura e cinema) pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Literatura Brasileira, especialista em Língua Portuguesa. Acadêmica da Academia Teresopolitana de Letras, cadeira 19, patronímica Humberto de Campos.

LANÇAMENTOS

A Casa no Topo do Edifício

Autoras Andrea Taubman, Sandra Pina e Marília Pirillo

@andreataubmanescritora

Uma cidade é feita de casas e edifícios com muito concreto cinzento. Mas isso é só uma pequena parte. Uma cidade também é feita de pessoas com seus afetos e generosidade.

Quando descobrimos que casas e edifícios são habitados por pessoas, descobrimos também as emoções nossas e as dos outros.

A gente constrói edifícios, mas também se constrói em cada encontro. O colorido das coisas, talvez, dependa mesmo é dos olhos da gente.



O Super Shampoo e a batalha do cabelo limpo

Autor Ozair Furtado de Oliveira

@ozairpirilim

Entre bolhas, risadas e uma grande faxina capilar, o poderoso Super Xampu enfrenta os terríveis inimigos dos cabelos com coragem e bom humor.

Será que ele conseguirá devolver o brilho e a saúde às madeixas do João?

Com personagens divertidos, cenas cheias de ação e ilustrações encantadoras para colorir, esta história transforma a hora do banho em uma aventura heroica sobre higiene, cuidado e imaginação!



No Baú de EmiliAna

Autora Norma de Siqueira Freita

@normadesiqueirafreitas

O livro "No baú de EmiliAna" conta a história de uma menina que amava a natureza, as crianças e os animais. Menina esperta que, num dia de chuva, entra em seu baú, pega sua varinha mágica e...

Assim, a menina Ana/Naná se transforma numa boneca de pano e viaja pelo mundo.

A história da boneca mais feliz do mundo é uma justa homenagem a Edinar Corradini que, há meio século, interpreta a Emília pioneira de Monteiro Lobato.



ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

A Academia Teresopolitana de Letras, criada em 21 de abril de 1961 e tendo como patrono cívico Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu com a missão de fortalecer a vida cultural da cidade. Desde sua fundação, reúne escritores, poetas, jornalistas e professores em torno do propósito comum de incentivar a produção intelectual e ampliar o alcance da literatura.

Quadro Social

1 Índio Brasileiro Rocha

Patrono: Alberto Torres

2 Isis Muller Salgado Serra

Patrono: Augusto dos Anjos

3 José Luís Simões Coelho

Patrono: Alberto de Oliveira

4 Daniel Hernandez

Patrono: Manoel Bandeira

5 Jeniffer Cereja Ferran

Patrono: Antônio Sales

6 Vaga

Patrono: Aloísio Azevedo

7 Renata de Castro Melo

Patrono: Belmiro Braga

8 Delmo Geraldo Ferreira

Patrono: Coelho Neto

9 Antonio Carlos Sequeira
Fernandes

Patrono: Castro Alves

10 Sandra Pimentel

Patrono: Cruz e Souza

11 Miguel Furtado Freire da Silva

Patrono: Manuel Antônio
de Almeida

12 Luiza Brault

Patrono: Casimiro de Abreu

13 Waldair Queiroz da Graça

Patrono: Clóvis Beviláqua

14 Nicolas Theodoridis

Patrono: Graça Aranha

15 Marcelo A. Torres Pellegrino

Patrono: Evaristo de Moraes

16 Gabriel César Dias Lopes

Patrono: Euclides da Cunha

17 Moema Tavares

Patrono: Gonçalves Dias

18 Vaga

Patrono: Graciliano Ramos

19 Norma de Siqueira Freitas

Patrono: Humberto de Campos

20 Flávio Salgueiro Passos Telles

Patrono: João Ribeiro

21 Andrea Viviana Taubman

Patrono: Quintino Bocaiúva

22 Nélío Paes de Barros

Patrono: Agripino Grieco

23 Maria Helena da Fonseca
Costa

Patrono: José Lins do Rego

24 Jorge Nascimento Ferradeira

Patrono: Joaquim Nabuco

25 Israel Sartini de Carvalho

Patrono: José de Alencar

26 Paulo José Lopes

Patrono: João Francisco Lisboa

27 Márcio Ferreira

Patrono: José do Patrocínio

28 Edinar Claussen Corradini

Patrono: Monteiro Lobato

29 Ana Maria de Andrade

Patrono: Machado de Assis

30 Rozelene Furtado de Lima

Patrono: Olavo Bilac

31 Wanderley Peres Jacintho

Patrono: Olegário Mariano

32 Gustavo Lucena de Melo

Patrono: Otávio Mangabeira

33 Claudia Coelho de Meneses

Patrono: Paula Ney

34 Paulo Roberto Paranhos
da Silva

Patrono: Padre Antônio Vieira

35 Ozair Furtado de Oliveira

Patrono: Cônego Tomaz de
Aquino de Menezes

36 Mariana Moreira Mouta

Patrono: Raul de Leoni

37 Carol Rocha

Patrono: Raimundo Correia

38 Ronaldo Torres M. Fialho

Patrono: Sílvio Romero

39 Jackson Ribeiro Falcão

Patrono: Ruy Barbosa

40 Ruyz Athayde Alcântara
de Carvalho

Patrono: Tobias Barreto